

VINHO NOVO EM ODRÉS NOVOS



*“Estamos a poucos dias da renovação dos Votos Trienais: circunstância providencial, esta, para clarificar tudo na luz de Deus”
(São João Calábria).*

A renovação dos votos trienais é uma graça providencial e a oportunidade de trazer de volta, sob a luz da palavra de Deus e do carisma calabriano a nossa Vida Consagrada.

Deixar-se iluminar para louvar o Senhor pelo caminho da Vida Consagrada já vivido, perceber os aspectos que ainda precisam ser evangelizados e acolher o convite para se tornar a profecia do Reino de Deus na história. Nesta meditação/reflexão propomos algumas sugestões bíblicas e carismáticas para nos ajudar a viver este acontecimento de graça como um novo Pentecostes para a vida de cada indivíduo e para a Obra. Vamos considerar *três fragmentos de luz bíblica*, que nos iluminarão neste caminho de oração e renovação. Os versículos da Palavra que nos guiam, nos oferecem três imagens, ou metáforas, para reler a nossa Vida Consagrada e a nossa missão. As três imagens são: *coração, vinho e óleo*.

1 – Bem aventurados os puros de coração porque verão a Deus (Mt 5,8)

Ver Deus é um dos desejos profundos que fazem morada na nossa interioridade. Este desejo profundo faz ressoar continuamente o convite do Senhor: *“Procura a minha face”* (Sl 27,8). Nas Bem aventuranças Jesus faz um maravilhoso anúncio: *“Bem aventurados os puros de coração porque verão a Deus”* (Mt 5,8).

Para compreender o sentido desta bem aventurança é necessário aprofundar o significado bíblico de duas palavras: *coração e puros*. Para a cultura hebraica o coração é o centro da pessoa, a mentalidade, os sentimentos e os pensamentos, é o lugar onde estão presentes as intenções da pessoa humana e onde se desenvolve a arte do discernimento. A tradição hebraica nos ensina que Deus não olha as aparências, mas pousa seu olhar sobre o coração (cf. 1Sm 16,7), e justamente por isto podemos dizer que é a partir do nosso coração que podemos ver Deus. A imagem do coração não somente revela a pessoa na sua interioridade e unidade, mas exprime e concentra a capacidade de amar e deixar-se amar. Simbolicamente podemos dizer que o coração possui um certo tipo e qualidade de olhos que nos fazem ver e contemplar Deus. Também para Pe. Calábria *“o coração é tudo no homem, no coração está a sede do amor; e como no fogo é natural o calor, no coração o amor”*. *“Somente um coração puro pode ver e entender as coisas na sua realidade e verdade² pode ver Deus em todos – no pobre que encontram pelo caminho, na pessoa com quem deveis vos relacionar, nos jovens que deveis educar, nas almas que a divina providência vos aproximam, nos nossos irmãos, neste vosso Pai, representante de Deus... – e ver todos em Deus”³*

¹ S. J. CALÁBRIA, * 5689/A, *Discurso em honra do Sagrado Coração de Jesus*.

² S. J. CALÁBRIA, *Carta à Dom Giovanni Franchini* * 3371 23-5-1919.

³ S. J. CALÁBRIA, *Carta aos religiosos*, * CARTA LIX Santos Exercícios, 1948.

Uma segunda palavra importante nesta bem aventurança é *puro*. A *pureza* é a qualidade que o coração deve ter para ver Deus. Quem hospeda um coração puro vê Deus; quem não tem um coração puro não pode ver Deus. Para exprimir esta qualidade do coração, o evangelista Mateus usa a palavra *katharos*, que significa *transparente, limpo, límpido, livre de substâncias contaminantes*. O coração puro é o coração transparente, não tomado por substâncias contaminantes. Aqui podemos nos perguntar: *O que ou quem pode tornar o nosso coração impuro?* São muitos os elementos e comportamentos que tornam o nosso coração impuro e insensível para com Deus e para com os irmãos e irmãs: é o apego às coisas, que polui o coração e danifica o nosso interior: é a paixão pelas *“coisas que passam, que nos fazem perder o gosto e a atração para as realidades que não passam”*, Papa Francisco usa frequentemente a expressão *mundanidade espiritual* para descrever uma série de apegos e paixões desordenadas que fragmentam o coração e nos estimulam a procurar o tesouro errado e que exalam sabor de eternidade.

Para evitar de procurar o tesouro errado, abarrotando o nosso interior com bijuterias e idolatrias de toda ordem, um dos remédios que temos à disposição é o voto de pobreza. Percorrendo o caminho da pobreza, pela renúncia e a partilha dos bens e da vida, o nosso coração vive processos de purificação e recupera aquela transparência necessária para ver Deus e ver os irmãos e irmãs, especialmente os pobres e os marginalizados. O voto de pobreza é uma espécie de *“cinturão murado”* que protege e liberta o coração de toda sorte de poluição e impureza. Nesta perspectiva nos exorta o Papa Francisco: *“Na vida consagrada, a pobreza tanto é um «muro» como uma «mãe»: um «muro» porque protege a vida consagrada, e uma «mãe» porque a ajuda a crescer e a conduzir pelo justo caminho. A hipocrisia de quantos – homens e mulheres consagrados – professam o voto de pobreza mas vivem como ricos, fere as almas dos fiéis e prejudica a Igreja. Pensai também como é perigosa a tentação de adotar uma mentalidade puramente funcional e mundana, que induz a colocar a nossa esperança apenas nos recursos humanos e destrói o testemunho de pobreza que Nosso Senhor Jesus Cristo viveu e nos ensinou”*. (Papa Francisco aos religiosos da Coreia).

Quando o coração é puro se pode *“ver Deus”*, isto é, entender a sua ação amorosa e providente na nossa vida e na história, sentir a sua voz no coração, colher e acolher a sua presença lá onde se encontra e onde se manifesta: nos pobres, na Eucaristia, na sua Palavra, na comunhão fraterna, na Igreja. E tudo isto é um pregar a presença de Deus, que inicia já nesta vida *“caminhando pela fé e não pela visão”* (2Cor 5,7) até quando O *“veremos face a face”* (1Cor 13,12) eternamente. A graça da renovação dos votos trienais é uma boa ocasião para colocar a nossa vida consagrada e o nosso voto de pobreza sob a luz desta bem aventurança. Deixando-me iluminar por esta Palavra posso me perguntar: *O meu “eletrocardiograma espiritual” revela um coração puro e num processo de purificação ou um coração ainda muito apegado e cheio de idolatrias? Consigo ver a presença de Deus no cotidiano da minha vida e da missão? Existe alguma bijuteria que ocupa espaços da minha vida e da missão, que é necessário me libertar? A vivência do voto de pobreza me faz ser uma pessoa livre e transparente?*

Deixando-me interpelar pelo Pe. Calábria, com estas palavras que não sucumbem no tempo: *“As coisas da terra não são outra coisa senão meios dados a nós pelo Senhor para subir com Ele, ao Céu. Ai de quem se apega à terra!... O desapego das coisas da terra: são necessárias sim, mas para levar-nos ao Céu, para servir a Deus, para sustentar-nos no ministério. Ai de nós se nos tornássemos escravos de comportamentos e caprichos que demonstram leviandade de ânimo, desejo intenso de gozar a vida também nós, como propaga o mundo, mesmo em coisas não graves! O mundo fará as suas renúncias se nós tivermos dado o exemplo generoso, também em coisas que não são pecado, mas por demais supérfluas”*⁴



⁴ S. J. CALÁBRIA, *Carta aos ex-alunos sacerdotes*, * 8591 1-8-1951.

2 – Vinho novo em odres novos (Mc 2,22)



Um segundo *fragmento de luz bíblica* que abordaremos é o convite de Jesus a por o “*vinho novo em odres novos*”. Neste versículo se encontram outras duas palavras fundamentais para aprofundar e que iluminam o nosso caminho: *vinho e odres*. Na sagrada escritura existe uma espécie de teologia bíblica ligada ao vinho. No primeiro testamento o vinho possui uma estreita relação com a aliança (Dt 7,11-13), com o tempo messiânico, no qual brotará com abundância, de qualidade refinada e será gratuito (Gn 27,28-29; 49,10-12; Is 25,6), com o amor sponsal do Adonai para com o seu povo (Ct 1,2.4; 2,4; 4,10; 7,3.10; 8,2), com a Palavra e a sabedoria de Deus (Jr 23,9; Pr 9,2.5). O Novo Testamento liga o vinho com o “*reino de Deus*”: “*Não beberei mais do fruto da videira até o dia em que o beberei novo no Reino de Deus*” (Mc 14,25) e a “*Nova Aliança*”: “*Este cálice é a nova Aliança no meu sangue*” (Lc 22,20; 1Cor 11,25). Para a tradição do Novo Testamento, o vinho é símbolo do Evangelho de Jesus Messias, da sua Revelação, que não pode ser tornada inútil num compromisso com o vinho velho do Judaísmo (cf. Mt 9,14-17; Mc 2,18-22; Lc 5,33-39). O vinho é símbolo do amor que é oferecido e derramado de modo abundante e total. Quando Jesus fala do vinho, o descreve usando o adjetivo *novo*⁵. Trata-se não de qualquer vinho, mas de *vinho novo*, recente, original e nunca provado antes. É vinho novo não somente porque é o mais recente e novo com relação ao outro mais antigo ou velho; é vinho novo porque é original e único, e provoca novidade de vida.

Acolher este vinho novo significa deixar-se transformar pelo amor de Deus Pai, proclamado por Jesus com a oferta de sua vida. Justamente porque se trata de *vinho novo*, que é “*vivo e faz viver*” processos de vivificação, é necessário acolhe-lo em *odres novos*⁶. Claramente os odres são símbolo da nossa vida e do nosso modo de viver ante o *vinho novo*, que Jesus oferece e encarna. E a nossa aceitação a este vinho novo deve ser marcada por uma qualidade nova, a qual nos faz viver segundo o vinho novo.

Ser odres novos significa obedecer às indicações que o vinho novo suscita em nós e nas nossas relações. Acolher o vinho novo com atitudes novas significa obedecer à novidade do Reino de Deus. Ser odres novos significa viver a obediência segundo o sabor do vinho novo do amor, “*O nosso Deus é um Deus que sempre faz coisas novas e pede a nós esta docilidade à sua novidade. No Evangelho de Jesus é muito claro: vinho novo em odres novos. O vinho no-lo traz Deus, mas deve ser acolhido com esta abertura à novidade. E isto se chama docilidade*” (Para Francisco). O fruto mais saboroso da docilidade é a obediência à Palavra, viver fazendo aquilo que a Palavra de Deus nos pede.

“Jesus precisa de instrumentos humildes, dóceis, obedientes e cheios de fé: estas são as verdadeiras riquezas e o segredo para fazer a divina vontade e fazer que a Congregação dos Pobres Servos seja arca de paz, de saúde para todas as almas, para toda a humanidade”⁷. “...tudo é grande, contanto que tudo façamos com grande amor a Ele, dispostos a mudar, a voltar para a sombra ou sair dela, se assim o quiser a obediência, sempre humildes, dóceis, dependendo em tudo dos superiores e lembrando que só aquilo que fazemos com a bênção deles terá também a proteção de Deus”⁸.

⁵ No grego bíblico, usamos duas palavras para dizer novo: *neos*, novo no sentido de original, fresco, por exemplo vinho novo significa que o recente, que agora apareceu, é dinâmico; *kainos*, novo mas com uma qualidade sem precedentes, nunca antes visto. O evangelista usa *kainos* para descrever os odres, isto é, diante do novo vinho que é Jesus a atitude de viver é aceitação, mas uma acolhida que tem uma qualidade original e sem precedentes, aceitando mudar a vida, convertendo-se.

⁶ O odre ao qual a parábola se refere é um recipiente de couro macio, que ainda é capaz de dilatar para estimular a respiração do vinho novo em ebulição contínua. Se o odre estivesse seco e rígido devido ao desgaste do tempo, não teria mais a elasticidade necessária para suportar a pressão do vinho novo. Assim, só poderia se desfazer, dissipando o conteúdo e o que o contém.

⁷ S. J. CALÁBRIA, *Carta a Dom Estanislau, 15 maggio 1942*.

⁸ S. J. CALÁBRIA, *Carta aos religiosos, * LETTERA XXX Pentecostes [24 de maio] 1942*.

Percorrer o caminho da obediência significa ter a coragem de se tornar odres novos para este vinho novo que continuamente é oferecido e derramado em nós, e por nós na missão. Viver a obediência significa não resistir, não ser odres rígidos, mas deixar-se plasmar pelo vinho novo que está em nós. A graça da renovação dos votos trienais é uma boa ocasião para recolocar a nossa Vida Consagrada e o nosso voto de obediência sob a luz deste vinho novo, oferecido por Jesus, que é o próprio Jesus. Deixando-me iluminar por esta palavra posso me perguntar: *Como acolho o vinho novo nos odres da minha vida e das minhas relações? O meu modo de viver a obediência consegue exprimir o vinho novo do amor? O vinho novo encontra em mim aquela docilidade necessária para viver e fazer o que a Palavra de Deus me pede de viver?*

O próprio Pe. Calábria nos questiona: “*Estou realmente convencido de que, por mim mesmo, sou zero e miséria, mas que, unido ao Senhor e respirando o seu espírito, farei verdadeiros milagres? Irmãos, o Senhor quer, pede, instrumentos humildes, dóceis, maleáveis, a fim de realizar a santificação das almas nossas em primeiro lugar e depois os grandes e novos desígnios da hora atual*”.⁹ *Não se esqueçam nunca que sois instrumentos e ministros do Senhor, quem tudo faz é Ele, Jesus, sempre que encontrar em vocês docilidade, obediência, humildade, caridade ardente*”.¹⁰

3 – As virgens prudentes e o óleo em pequenos vasos (Mt 25,4)

O terceiro *fragmento de luz bíblica*, que ilumina a nossa reflexão e oração, o tomamos da parábola das dez virgens que esperam o noivo. Neste versículo queremos evidenciar duas palavras: *lâmpada* e *óleo*. São dois símbolos muito presentes na linguagem bíblica: a lâmpada nos recorda o convite de Jesus para ser luz do mundo; lembra-nos a lâmpada que não pode ser colocada debaixo da mesa, nos lembra de que não podemos esbanjar a vida, não podemos nos esconder debaixo de um balde para evitar de viver; nos lembra ainda a cidade sobre um monte, que ilumina o viandante para indicar-lhe a meta, como a nossa vida deve ajudar os outros a encontrar a direção e o sentido profundo da vida



A lâmpada, porém, necessita do óleo para continuar a iluminar: é o óleo da acolhida, usado para acender as tochas na espera do noivo; mas, o óleo é também aquele que é derramado sobre as feridas de quem foi maltratado pela vida, como na parábola do Samaritano; é, sobretudo o óleo, com o qual foi ungido e consagrado o Messias, aquele que o nosso coração continuamente espera. O óleo é, portanto, o símbolo de gestos muito pessoais e profundos, e talvez por isso que a parábola exclui a possibilidade de encontrá-lo no mercado, ou a bom preço. Há gestos na nossa vida que podemos fazê-los somente nós, gestos que não podem ser adiados. Há situações que nos pedem de estar prontos, pois não haverá outra oportunidade.

Onde está, portanto, a diferença entre as virgens prudentes e as imprudentes? Não certamente por terem se adormecido, mas no ter preparado a própria lâmpada. Preparar a própria lâmpada significa ter o óleo em pequenos vasos. À vezes, de fato, a lâmpada pode se apagar, mas, se na vida nos tivermos exercitado para acendê-la, a usá-la, então nos momentos de escuridão saberemos onde por as mãos. O problema das virgens imprudentes não é o sono, o seu problema é mais antigo: nunca se preocuparam com a lâmpada que foi confiada a elas. Não ter uma reserva de óleo em pequenos vasos significa transcurar as relações existenciais. Aquelas mesmas que produzem o óleo da vida interior. O noivo, de fato, disse não conhecê-las. O não reconhecê-las exprime uma falta de relação pessoal. Em sua vida nunca se preocuparam de conhecer o noivo, por isso agora se encontram despreparadas. E é exatamente o momento em que nos damos conta se temos ou não os pequenos vasos de óleo.

⁹ S. J. CALÁBRIA, *Carta aos religiosos*, * CARTA XXXIX 29 de setembro de 1944.

¹⁰ S. J. CALÁBRIA, *Carta aos religiosos*,* 8661 Verona, 29-6-1952.

As lâmpadas acesas necessitam de óleo, devem ser abastecidas, do contrário se apagam. O voto de castidade, relação de intimidade pessoal e profunda com o Senhor, produz e mantém os pequenos vasos sempre cheios de amor e de afeto, paixão e oferta, desejo e caridade. Aquela lâmpada acesa é o símbolo da nossa afetividade consagrada ao Senhor a serviço dos irmãos e irmãs; aquela lâmpada, para manter-se acesa, necessita de cuidados e abastecimento. Viver o voto de castidade significa cultivar uma relação pessoal e íntima com Jesus Cristo, até o ponto de poder acolher no pequeno vaso do nosso coração o óleo que alimenta nossa lâmpada, torna fecunda e luminosa a nossa vida. São João Calábria fez muitas vezes uso da expressão *lâmpadas acesas* para falar de nossa relação com Jesus Cristo e da nossa vida de oração: “*Sejam lâmpadas acesas, portanto mantende-as abastecidas com o óleo da vida interior; sejam pontuais nas práticas de piedade, na observância das santas Regras; evitem toda moleza, amem o estudo, o trabalho e a vida retirada*”. Em outra passagem assim se expressa: “*Cabe a nós manter viva, acesa esta lâmpada de Deus, a qual permanecerá viva e acesa se a alimentarmos com o óleo da fé, do amor de Deus, da caridade*”. Sem oração não haverá vida de castidade fecunda e luminosa; sem o óleo da vida interior, a lâmpada da nossa consagração se apaga. Uma lâmpada apagada, uma afetividade consagrada sem vida não é profética e não proclama a beleza do amor consagrado.

A graça da renovação dos votos trienais é uma boa ocasião para recolocar a nossa vida consagrada, a nossa vida de castidade, sob a luz desta lâmpada acesa. Deixando-me iluminar por esta palavra posso me perguntar: *O que me inspira a imagem da lâmpada acesa e dos pequenos vasos de óleo? O que faço para manter acesa a minha lâmpada, a minha vida consagrada? Como o meu modo de viver o voto de castidade está se tornando profecia luminosa do amor consagrado e fecundo?*

Para a oração pessoal

Em teu momento de oração pessoal estás convidado a *ler-te interiormente*, no coração e nos gestos, na mentalidade e na tua oferta ao Senhor, a partir das três imagens que propomos nesta reflexão: *coração puro, vinho e odres novos e pequenos vasos de óleo*.

As perguntas propostas na reflexão podem retomá-las na oração pessoal. Aproximar estes *fragmentos de luz bíblica* à nossa vida consagrada certamente nos fará perceber a beleza e a alegria da escolha que temos feito; nos fará perceber o que em nós necessita de maior cuidado e atenção; nos ajudará a discernir o que em nós tem necessidade de conversão, desapego e liberdade interior.

Para continuar a viver com profecia e alegria a nossa vida consagrada, por meio dos votos, a vida fraterna e a missão, é fundamental assumir, sempre mais, aquele abandono filial característico da espiritualidade calabriana. “*Enquanto que o mundo todo se apressa para ir atrás das coisas da terra, nós devemos aspirar somente o céu, a santidade: nós temos a missão de revelar a todos os homens que o espírito do Senhor se o mantém na humildade, na pobreza e no abandono incondicional à divina Providência*” (São João Calábria). Para os momentos de oração sugerimos os três textos bíblicos onde se encontram os fragmentos de luz bíblica que propomos:

- Mt 5,1-8 – *As bem aventuranças: caminho para a santidade de vida e o voto de pobreza;*
- Mc 2,18-22 – *Vinho novo em odres novos: ser odres novos pela obediência;*
- Mt 25,1-13 – *As virgens prudentes e o óleo em pequenos vasos: proteger a lâmpada acesa pelo voto de castidade.*